Capítulo XXVII — Continuação da resposta

> **Sumário.** Continuação da resposta às objeções.

A língua latina cristã não é mais bárbara do que a filosofia cristã, do que a arquitetura cristã, do que a pintura cristã, do que a arte cristã: queirais não o esquecer. Dando-lhe por modelos clássicos os autores que a falaram, não se reconduz, pois, o mundo à barbárie literária, assim como não se o reconduz do ponto de vista artístico dando-lhe por tipo a arte cristã. Credes que a nossa juventude seria bárbara em matéria de latim se falasse em toda a sua pureza o idioma de são Leão, de são Gregório, de são Bernardo, de são Tomás! Realmente, tendes razão; seria tão bárbara, nem mais nem menos, quanto os nossos pintores que fizessem quadros como o B. Angélico de Fiésole, quanto os nossos arquitetos que construíssem edifícios como as catedrais de Reims e de Colônia. Todo esse temor da barbárie não passa, pois, de quimera. Assim, do ponto de vista puramente literário, as nações modernas não têm nenhum interesse em manter o reinado exclusivo do paganismo na educação.

Vou mais longe e digo que o seu amor pelo latim e pelo grego as obriga a reatar sem demora a cadeia rompida em meados do século XV e a restabelecer o reinado do cristianismo literário na instrução da juventude. Essa asserção nos põe nos antípodas dos que pretendem que a restauração das letras latinas na Europa data do século XVI. Afirmamos, ao contrário, que essa restauração é anterior ao que se chama a Renascença; mais ainda, que esta é a época e a causa principal da decadência e da corrupção da língua latina, como é a época e a causa da decadência da arte. Tal é a dupla proposição que cumpre agora estabelecer para fazer plena justiça à primeira objeção.

Durante toda a duração da Idade Média, os clássicos foram exclusivamente cristãos; mas é falso, completamente falso, que a essa causa se devam a decadência e a corrupção das letras latinas, nem mais que as das ciências e das artes. É, pois, igualmente falso que todas essas coisas tenham saído da barbárie no século XVI sob a influência do paganismo. Como a arte pagã, a língua latina pagã seguiu o movimento da sociedade pagã de que era expressão; cresceu com ela, caiu com ela, como a forma cai e se altera com o próprio fundo que a sustenta e a inspira.

Assim, mal Augusto desceu ao túmulo, e já sob Tibério, quando ainda não havia nenhum clássico cristão, a língua latina começa a alterar-se. A idade de ouro é logo seguida da idade de prata, que não tarda a dar lugar à idade de ferro: todos os monumentos literários o atestam. Se, pois, apesar dos esforços dos mestres mais distintos, entre outros Quintiliano, as letras e as artes declinam no

seio mesmo do paganismo, não é, repetimos, ao uso dos livros cristãos nem à influência do cristianismo que se deve atribuí-lo. É às vicissitudes do império e sobretudo às divisões intestinas; é ao contato das nações bárbaras, às suas incursões e à sua permanência em todas as partes da república; é sobretudo à corrupção geral dos costumes que, um pouco mais cedo ou um pouco mais tarde, mas inevitavelmente, acarreta a corrupção da literatura e das artes.

Depois, quando os bárbaros, tornados senhores do velho mundo, cobriram de ruínas o solo revolvido, saquearam as cidades, destruíram as escolas, queimaram as bibliotecas, as letras e as artes deviam desaparecer quase inteiramente. Aqui ainda não é nem aos clássicos cristãos nem à influência do cristianismo que se deve imputar a barbárie em que caíram as letras, as artes e as ciências.

Longe disso; se algum germe precioso foi conservado, deve-se render homenagem ao cristianismo. Voltada a calma, a Igreja compreendeu que não tinha mais missão de refazer a língua pagã do que de ressuscitar a sociedade pagã. O seu primeiro cuidado, como indicamos, foi criar um mundo novo com os elementos quebrados do mundo pagão e os elementos ainda brutos do mundo bárbaro. Pôs mãos à obra, certa de que esse mundo novo saberia bem, com o tempo, criar-se uma língua nova. A coisa deu-se, com efeito; e cremos ter estabelecido que essa língua nova, órgão da sociedade cristã, foi pelo menos tão perfeita quanto a língua antiga, órgão da sociedade pagã.

É, pois, falso que a língua latina, as ciências e as artes tenham sido restauradas na Europa pela influência dos clássicos pagãos. Como todos sabem, o paganismo na educação só data do fim do século XV. Ora, mais de trezentos anos antes dessa época, as letras, as ciências e as artes haviam sido restauradas; que digo! elevaram-se ao mais alto grau de perfeição. A prova é que não há ramo da ciência ou da arte que não tenha produzido obras-primas cuja perfeição jamais foi superada. Já que a ocasião se apresenta, permita-se-nos, recolhendo os traços esparsos nesta obra, mostrar de uma vez tanto a magnífica realidade como o segredo maravilhoso dessa restauração, tantas vezes negada por uns e tão mal compreendida por outros.

Partamos de um princípio incontestável: a civilização das sociedades não começa nem pelo cultivo das letras e das artes, nem pela construção de teatros, nem pela elegância dos trajes, nem pelas comodidades da vida material. Tem a sua origem e o seu fundamento nos bons costumes; os bons costumes têm por base o conhecimento exato e a prática fiel dos deveres da religião, segundo a palavra da Escritura: *«O temor do Senhor he principio da sabedoria»* (Sl 110, 10), *Initium sapientiæ timor Domini*. Com efeito, o verdadeiro e o justo são o duplo fundamento das sociedades: o belo é apenas a sua irradiação. Só depois de ter-se fortemente nutrido desses alimentos substanciosos pode a sociedade entregar-se à busca do belo, isto é, ao estudo das letras e das artes. Assim o querem a razão e a lógica.

Tal foi a marcha intelectual seguida na Idade Média pelas nações cristãs. Depois das primeiras cruzadas, que contribuíram tão eficazmente para os progressos do espírito humano, apressou-se a aproveitar a calma de que gozava a Europa. Livres para entregar-se, segundo a ordem dos santos cânones, ao estudo de todas as ciências, as grandes inteligências que encerravam o clero e os mosteiros concentraram-se todas, com maravilhosa concórdia, nas ciências religiosas e morais. Graças aos seus esforços, essas altas ciências, firmadas na base, explicadas em todas as suas

partes, logicamente expostas nas suas relações, tomaram imenso desenvolvimento. Enquanto hoje toda a atividade humana se concentra no mundo físico, o movimento intelectual dessa grande época voltou-se inteiro para as especulações da religião e da metafísica. Daí que as numerosas academias, nascidas então em todas as partes da Europa ao sopro vivificante da Igreja, foram primitivamente apenas escolas de teologia.

A esses magníficos estudos, santo Anselmo deu a forma, foi a dialética; Pedro Lombardo, mais conhecido sob o nome de mestre das sentenças, proporcionou o fundo, extraído, por um trabalho admirável, das obras dos santos Padres. O crescimento veio-lhes de Alberto Magno: a mão de são Tomás e de são Boaventura acrescentou-lhes a perfeição.

Mal estabelecida a ciência divina sobre um fundamento inabalável, a filosofia foi constituída de maneira não menos sólida. Aristotélica quanto à forma, mas cristã no seu objeto, nos seus princípios, nas suas doutrinas, no seu método, apareceu com toda a sua magnificência na *Suma* de são Tomás. Aqui a teologia e a filosofia dão-se constantemente a mão, prestam-se mútuo concurso e mostram-se tão unidas que constituem não sei que maravilhoso conjunto, que não pôde esgotar a admiração de seis séculos. Essa obra é, com efeito, a mais bela que saiu da inteligência criada; obra angélica e quase divina, último limite do gênio, fonte de todas as ciências, tesouro de todas as verdades, refutação de todos os erros, arsenal de todas as verdades, exposição mais vasta da religião cristã, baluarte mais forte da Igreja, glória imortal do espírito humano, a única julgada digna pelos Padres do Concílio de Trento de aparecer ao lado do Evangelho, no meio da sala das suas augustas assembleias, para levantar as dificuldades e terminar as controvérsias que pudessem encontrar-se na definição dos dogmas católicos.

Da teologia, isto é, do conhecimento perfeito da lei divina e das relações sobrenaturais do homem com Deus, nasceu a ciência das leis humanas, isto é, das relações dos homens entre si. Não se volta do espanto quando, estudando os monumentos dessa época, vê-se a altura a que chegara o conhecimento do direito, seja divino, seja humano, seja natural, seja positivo, seja eclesiástico, seja civil, seja político.

Não se creia, aliás, que as altas ciências, postas, como convém, no lugar de honra na estima e no amor dos nossos antepassados, absorvessem exclusivamente a sua atenção. Postas a religião e a sociedade ao abrigo de qualquer atentado, homens de grande inteligência puseram-se a perscrutar todas as partes do mundo físico, a fim de descobrir as propriedades dos corpos e fazê-las servir à utilidade material e até aos prazeres da vida humana. Foi então que se descobriram estas três coisas que, como se disse, mudaram a condição, os costumes, os hábitos do universo: a imprensa, a pólvora e a bússola. Sim, essas três maravilhas, de que tanto nos orgulhamos e de que abusamos com demasiada frequência, devemo-las a esses séculos que os modernos bárbaros não receiam acusar de barbárie. Na ordem puramente física, os progressos não se detiveram aí. As matemáticas, a geografia, a astronomia, a química, a medicina, numa palavra, todas as ciências naturais lançaram vivo brilho, que serviu para iluminar o caminho percorrido pelos séculos seguintes. Essas ciências eram ensinadas publicamente pelos mais hábeis mestres a milhares de jovens inteligências; o que fez dar a essas ilustres escolas o nome de universidades.

Paralelamente a essa restauração universal das ciências caminhava a passo igual a restauração das letras e das artes. O mesmo século que produziu são Tomás, o doutor angélico, o príncipe dos teólogos, produziu Dante, o poeta divino e o rei de todos os poetas. Pela altura do assunto, a magnificência do estilo, o vigor da expressão, a harmonia dos versos, a sua *Divina Comédia* deixa muito atrás de si todas as obras poéticas dos pagãos.

O mundo ainda estava sob o encanto dessa maravilhosa poesia quando se fez ouvir a voz de Francisco Petrarca. Os seus cantos harmoniosos não excitaram menor admiração que a forte composição de Dante. Nada é mais vigoroso que Dante, nada é mais suave que Petrarca; em um e outro a poesia se eleva ao grau mais sublime. Cada qual no seu gênero é tão perfeito que supera, ou ao menos iguala, todos os poetas que o precederam ou que o seguiram.[1]

Quanto à eloquência, quase só estava em uso nas igrejas. Desde que o governo do império romano se tornara privilégio de um só e que o povo já não fora chamado a dar o seu sufrágio nas assembleias públicas, a eloquência popular decaíra: a sua queda data do reinado dos Césares. O mesmo se dá com a eloquência do foro. A sabedoria da Igreja estabelecera entre as nações cristãs essas formas de julgamento em que já não se decidia sob a impressão da palavra de um advogado, na hora e, por assim dizer, tumultuariamente, da fortuna e da vida dos homens; mas em que se procedia lentamente, após maduro exame e sobre as alegações contraditórias das partes.

Esse gênero de eloquência, de modo algum necessário, por vezes até perigoso, também decaíra havia séculos. Quanto à eloquência do púlpito, a única quase que era praticada, floresceu maravilhosamente. Os séculos posteriores não viram oradores exercer sobre as nações esse império prodigioso que foi o privilégio de são Bernardo, de santo Antônio de Pádua, de Guilherme de Paris, de são Boaventura, de João Tauler, de são Vicente Ferrer, de são Lourenço Justiniano, de são Bernardino de Siena e de muitos outros, cuja palavra dominadora regulava soberanamente tanto os negócios dos povos como as questões entre os reis.

Mas como a marcha racional do progresso vai do estudo das ciências ao estudo das letras, assim passa do estudo das letras ao cultivo das artes. Com efeito, embora as letras e as artes exprimam as ideias, as crenças, os costumes da sociedade, umas por palavras, outras por sinais, contudo, como o pensamento se manifesta mais facilmente pela palavra do que por estátuas ou quadros, os artistas só vêm no séquito dos poetas e dos oradores. Daí resulta que as artes recebem o seu impulso da literatura, como a própria literatura recebe o movimento das altas ciências. Os séculos anteriores à Renascença confirmam eloquentemente essa indução.

Nessa época, o estudo ardente de todos os gêneros de literatura produziu o admirável cultivo de todas as artes. A pintura, restaurada no século mesmo de são Tomás e de Dante por Cimabue, fez magníficos progressos sob a influência de Giotto, discípulo de Cimabue, digno de ter por panegiristas o próprio Dante e Petrarca. Nesse mesmo século XIV, o Pisano cercou-a de nova glória e, no começo do século seguinte, o bem-aventurado Angélico elevou-a à perfeição. É no céu, segundo o testemunho do próprio Miguel Ângelo, que ele achou o tipo das suas inimitáveis figuras. Ao mesmo tempo que a pintura, a escultura e a arquitetura subiam rapidamente ao último termo da glória. Com efeito, Giotto e o Pisano foram ao mesmo tempo pintores e arquitetos eminentes.

Sim, e não o dizemos sem um prazer malicioso, é nesses séculos tão desacreditados que foram sobretudo construídas essas igrejas, essas catedrais, esses *Duomi*, em que o mármore, trabalhado com infinita delicadeza, mistura os reflexos variados das suas incrustações às magnificências da pintura; em que a pedra e o granito tomam sob o cinzel do escultor as formas mais graciosas e mais delicadas, com a mesma facilidade que a argila sob os dedos do oleiro; em que a química, entregando segredos desconhecidos antes e desconhecidos depois, suspendeu pela mão do vidraceiro esses maravilhosos tapetes de púrpura, de ouro e de azul nas vastas janelas das nossas veneráveis basílicas: séculos para sempre bárbaros, em que uma multidão de monumentos, até aqui sem rivais, elevaram à perfeição a arte cristã em toda a sua pureza.

A esse mesmo século devem-se ainda atribuir não somente todos os outros artistas incomparáveis do século XV, como Antonello da Messina, inventor da pintura a óleo; Donatello, Alberti, Verrocchio, mestre de Leonardo da Vinci e do Perugino; mas ainda Leonardo da Vinci, o Perugino, o Bramante, Rafael e Miguel Ângelo. Com efeito, embora esses artistas tenham morrido no século XVI, começaram contudo a florescer no século XV e deveram à escola cristã fundada no século XIII tanto as suas ideias e os seus princípios como o fundamento da glória imortal que adquiriram. Para citar apenas uma prova: é fato que corre as ruas do mundo douto que Rafael e Miguel Ângelo, os príncipes dos artistas, se nutriam continuamente, o primeiro da leitura de Petrarca, o segundo da leitura de Dante. Daí veio que Miguel Ângelo reproduz o estilo vigoroso de Dante, e Rafael o estilo encantador e gracioso de Petrarca.

Assim, coisa digna da mais séria atenção, todos os homens imortais que, desde o século XI até o fim do século XV, elevaram as ciências, as letras e as artes a tão alto ponto de perfeição, hauriram os seus princípios, as suas ideias, as suas regras, as suas inspirações no cristianismo. O que a estrela foi para os magos, o facho da fé o foi para cada um deles. É unicamente às suas luzes que deveram percorrer com segurança, facilidade e glória a carreira aberta ao seu gênio. Outro título de glória dos séculos de fé é terem criado uma ciência nova, uma arte nova, exclusivamente cristã e apropriada às nações cristãs, e não terem feito, como os séculos seguintes, um miserável decalque da ciência e da arte pagãs.

A mesma criação deu-se para a literatura: nova homenagem aos séculos de fé. Primeiro, nada é mais verdadeiro que as três mais belas línguas da Europa e do mundo, a língua francesa, a língua italiana e a língua espanhola, tiram a sua origem da língua latina. Mas cumpre notar, o que só poucos notam, que essas línguas não são de modo algum filhas da língua latina pagã, mas bem da língua latina cristã. Lembram não a maneira de Cícero, mas a maneira de são Leão e de são Gregório. É o mesmo corte de período, o mesmo horror da vã abundância de palavras; a mesma natureza de sintaxe, clara e simples;[2] o mesmo gênero de estilo, escolhido, agradável, grave; a mesma acepção para uma multidão de palavras, acepção nova e inteiramente cristã; o mesmo uso das graças, casto e moderado; o mesmo modo, mais ou menos, quanto ao número, natural e sem afetação. Daí vem que, ao ler essas belas línguas, julga-se ler são Jerônimo nas suas traduções sagradas, ou são Gregório, Beda, são Pedro Damião, são Bernardo, são Tomás, são Boaventura. Não há aqui ilusão: dessas fontes puras e fecundas vieram, com efeito, tanto o gênio e a sintaxe dos nossos magníficos idiomas como até a maioria das suas palavras: *vocabula manant parce detorta*.

Mesma origem para a poesia. Certamente, não é nem em Homero, nem em Virgílio, nem em Horácio, nem em Píndaro, mas nos profetas e no Evangelho que os pais da poesia francesa, italiana, espanhola buscaram as suas sublimes ideias, a sua feliz audácia, a sua maneira de pintar e de sentir, o seu estilo, a sua elocução, a sua marcha. Não é ao *Delius vates* que pediram as suas inspirações, mas à fé. Não há sequer a forma da nossa poesia moderna que não indique a origem cristã. Diferentemente da poesia pagã, essa poesia não mede os seus versos nem pelos pés, nem pela quantidade longa ou breve das sílabas, mas pelo número das sílabas e pela rima. Tal é, como todos sabem, o caráter próprio da poesia de são Gregório, de são Boaventura, de são Tomás e dos outros poetas latinos dos nossos séculos de fé. Ninguém ignora que o ritmo inventado por eles é ainda o da poesia moderna, sobretudo da poesia italiana.

Nascidas da ideia e da literatura cristãs, as belas-artes tomaram também o cunho cristão em toda a sua pureza. Encontra-se não somente nos seus assuntos e motivos, mas ainda no seu estilo, no seu gênero de belezas, no fundo e na forma das suas obras. Isso se vê sobretudo na arquitetura cristã a que se chama gótica. Há ainda algumas pessoas que a censuram. Dizem: Pela ousadia, ou antes, pela temeridade das suas concepções, cansa o olhar do espectador mais do que o lisonjeia; afeta penosamente a alma, que lança numa espécie de perturbação e estupor. Trata a pedra com tal liberdade, joga com tal audácia com todos os obstáculos que não se vê nem se adivinha a causa desses lances de força, ou antes, desses caprichos.

Só a ignorância pode raciocinar assim sobre a arquitetura gótica. Usar tal linguagem é fixar o seu lugar entre o vulgo dos artistas que, não buscando na arte senão o prazer prosaico e sensível do olho e da imaginação, o olham como o fim último da arte. Isso é ao mesmo tempo vergonhoso e absurdo; pois não é mais permitido dizer que o prazer sensível é o fim último da arte do que afirmar que os sentidos e a imaginação são todo o homem. De resto, não é de espantar que os templos gregos e romanos tenham o privilégio exclusivo de excitar a admiração de tais juízes. Tal é a condição, a natureza, o fim desses monumentos que deixam perceber à primeira vista tanto o segredo da sua harmonia como os motivos da sua ordenação. Nada deixam a adivinhar; nada no seu conjunto ultrapassa o nível dos sentidos e dos hábitos vulgares da alma; a sua nudez, a simplicidade dos seus ornatos dispensam de todo cansaço, de todo estudo o espírito do espectador e permitem à sua imaginação e aos seus olhos repousar tranquilamente numa vã contemplação.

Eis por que esses edifícios são belos de uma beleza puramente sensível, mas de modo algum de uma beleza moral e intelectual. Agradam, mas não impressionam; recreiam o olho e a imaginação, mas não elevam a alma acima das baixas regiões da vida sensível; não excitam nela nenhum movimento divino; não lhe lembram nenhuma recordação do mundo sobrenatural. Longe disso, o aspecto geral das suas formas, das suas linhas arquitetônicas abaixa forçosamente o olhar para a terra; só fala ao homem uma linguagem terrestre e só excita nele pensamentos e desejos terrestres.

Como se quereria que fosse de outro modo? Não foi para honrar o verdadeiro Deus nem para reformar os costumes do homem que os templos pagãos foram erguidos, mas sim para fazer o homem achar a felicidade aqui embaixo, para excitar as suas paixões e lisonjear os seus sentidos. Assim, jamais o grego ou o romano experimentou sob as abóbadas dos seus templos um só movimento de entusiasmo divino. Que esses templos reúnam todas as condições da beleza

sensível, consinto; mas jamais puderam, jamais poderão ser os pregadores eloquentes do mundo sobrenatural, nem dos seus sublimes mistérios, nem das suas belezas arrebatadoras, nem dos seus divinos esplendores.

Tal é, ao contrário, o glorioso privilégio das igrejas góticas. As suas torres arremessadas para o céu, que parecem buscar e alcançar; as suas abóbadas ousadas, as suas ogivas que forçam a vista a elevar-se sempre, as suas gigantescas proporções, os seus arcos imensos: que anunciam senão o triunfo absoluto do gênio do homem sobre a matéria e o sublime esforço da sua alma para elevar-se acima do mundo corporal? Depois essa pedra, esse mármore amolecidos sob o cinzel, esses corpos tão pesados perdendo de algum modo as suas partes materiais para espiritualizar-se; essas linhas que fogem em todos os sentidos e que se prolongam quase até o infinito; essa luz de cores variadas que penetra por essas rosáceas, por esses vitrais tão ousados que se diriam antes pintados que esculpidos nos portais e nos vastos flancos desses gigantescos edifícios: todas essas coisas não transportam imediatamente a alma à região dos milagres e não a forçam a pensar no supremo arquiteto do universo?

Essa arquitetura cristã não excita, admito, a sensibilidade física, não lisonjeia voluptuosamente a imaginação; mas penetra nas profundezas da nossa existência; ataca as fibras mais íntimas da alma; nela desperta a fé; eleva-a acima dos cuidados e das penas desta miserável vida; produz nela impressões morais; lisonjeia a imaginação ávida de grandeza e de magnificência; arrebata todas as faculdades intelectuais e eleva o homem ao desejo e aos cuidados da vida futura. Assim, embora ainda estejamos na terra, quando entramos nesses imensos edifícios pensamos no céu, e a vista das obras do homem nos leva até Deus. Numa palavra, a arquitetura gótica dos nossos templos, baseada no princípio cristão, não é outra coisa que a manifestação sublime do pensamento cristão; pois o fim do cristianismo é libertar o homem do império dos sentidos e elevá-lo à contemplação e ao amor das coisas celestes.

Examinando a sangue-frio a marcha geral do espírito humano, vê-se que, nessa gloriosa época, os escritores e os artistas tiveram o mesmo pensamento e o mesmo fim, a saber: exprimir, uns por palavras, outros por sinais, as ideias, as crenças, as verdades, os costumes cristãos, maravilhosamente desenvolvidos pela teologia e pela filosofia cristãs. Tal é a vivacidade e a pureza da fé que preside às suas obras que uns e outros se mostram os intérpretes e tradutores fiéis das mesmas verdades. O que os escritores exprimem pela palavra, os artistas o figuram, numa língua diferente, é verdade, mas com o mesmo estilo simples, correto, elegante, grave e quase divino. Ora, segundo a palavra já citada, o belo é o esplendor do verdadeiro: *Pulchrum splendor veri*. Logo, as letras e as artes dessa época brilham de todo o brilho da beleza porque, inteiramente penetradas da verdade cristã, só refletem os raios do verdadeiro; logo, a mesma verdade cristã, inspirando os poetas e os artistas, dá aos primeiros *os magna sonaturum* [boca que soará coisas grandes], e aos segundos uma mão que há de realizar coisas grandes e belas.

Agora, é de espantar que os grandes homens dos séculos de fé só gostassem, na idade madura, da ciência cristã, da literatura cristã, da arte cristã? Desde a infância nutridos exclusivamente de clássicos cristãos, quase nada mais conheciam que o cristianismo e conservavam fielmente o que haviam primeiro recebido: *Quo semel imbuta fuerit recens testa diu, christianum servabit odorem* — a talha nova conservará por muito tempo o odor cristão de que uma vez se embebeu.

Tínhamos razão, perguntaremos ao terminar, em afirmar que a restauração geral das ciências, das letras e das artes, na Europa, é anterior ao que se chama a Renascença? Ainda é permitido sustentar que, se os livros clássicos voltassem a ser cristãos, reconduzir-se-ia o mundo à barbárie? Não é tão evidente quanto o sol que, sob a influência dos clássicos cristãos, deram-se duas coisas: a primeira, que, tornadas inteiramente cristãs as ciências, as artes e as letras, o mundo viu erguer-se, desde o fundamento até o cume, o mais magnífico edifício de sabedoria e de civilização que o olho humano jamais contemplou; a segunda, que a teologia, a filosofia, a literatura, as artes, chegadas ao cúmulo da perfeição, produziram em cada gênero homens tão grandes que nem o passado nem o presente têm nada que lhes comparar: Alberto Magno e são Tomás, Dante e Petrarca, Giotto e o B. Angélico, e até Rafael e Miguel Ângelo?

Curvai a cabeça: nomeei os reis imortais da ciência, da literatura e das artes.

Notas

[1] Faremos notar, com os críticos mais judiciosos, que os pontos fracos desses dois grandes poetas são precisamente aqueles em que quiseram misturar o paganismo com o cristianismo. Essa mistura faz também o perigo de algumas obras de Petrarca.

[2] Daí, entre mil exemplos, veio o *que* sempre expresso nas nossas línguas modernas e quase sempre suprimido na língua latina pagã.

Revision #1
Created 22 November 2026 17:19:54 by Admin
Updated 22 November 2026 17:19:54 by Admin